

A visão do jornalista assessor de imprensa acerca de suas práticas: aproximações entre a Comunicação Organizacional e o Jornalismo¹

Juliana BULHÕES Alberto Dantas²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

É comum ao jornalista brasileiro exercer funções relacionadas à comunicação organizacional, ou ainda possuir simultaneamente vínculos empregatícios em empresas da mídia e fora da mídia, o que gera uma situação profissional complexa. Diante deste contexto, nosso objetivo geral é investigar acerca da visão dos jornalistas que atuam concomitantemente em redações jornalísticas e assessorias de imprensa em Natal-RN sobre suas práticas profissionais. A base metodológica foi pautada na etnometodologia (COULON, 1995), na entrevista em profundidade (DUARTE, 2008), que foi aplicada a quatro jornalistas potiguares que atuam concomitantemente em redações tradicionais e assessorias de imprensa, e na pesquisa quantitativa.

Palavras-chave: Comunicação organizacional; Jornalismo; assessoria de imprensa; práticas comunicativas.

Introdução

Mick e Lima (2013) apontam que 33,6% dos jornalistas brasileiros atuam exclusivamente em funções jornalísticas fora da mídia, isto é, em funções jornalísticas além das redações tradicionais (TV, jornal impresso, rádio, revista etc). Boa parte destes profissionais atuam em funções ligadas à comunicação organizacional, como é o caso dos assessores de imprensa. Os autores apontam ainda que 12,2% dos jornalistas no Brasil atuam simultaneamente na mídia e fora da mídia; é neste contexto de simultaneidade que desenvolvemos a pesquisa.

Curvello (2009) estabelece que a comunicação organizacional pode ser dividida por duas frentes: pelas Ciências da Comunicação e pela Administração. De acordo com o autor, a comunicação organizacional é um espaço para atuação profissional de assessores, gestores

¹ Trabalho apresentado no GP RP e Comunicação Organizacional do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN; mestre em Estudos da Mídia (PPgEM-UFRN); integrante do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (Pragma/UFRN), do Laboratório de Pesquisa e Estudos em Comunicação Comunitária e Saúde Coletiva (LAPECCOS/UFRN), do Instituto Nacional de Pesquisa em Comunicação Comunitária (INPECC) e do Grupo de Estudos Avançados da Comunicação Organizacional (Decom/UFRN), email: julianabulhoes.ad@gmail.com.

e consultores advindos principalmente das áreas de relações públicas, jornalismo, publicidade e propaganda, marketing e administração.

Tais profissionais são responsáveis pelo planejamento, formulação estratégica, gestão da informação, discursos, imagens, gestão e produção do mix de medias, promoção e eventos organizacionais. Deste leque, destacamos a figura do jornalista assessor de imprensa: os profissionais graduados em Jornalismo que atuam em funções da comunicação organizacional.

De acordo com Silveira (2010), os jornalistas-assessores outrora eram vistos apenas como intermediários entre fonte e jornalistas de redação; no passado, era comum pensar que o jornalista que atuava em assessoria era de “segunda classe”, que estava naquela função por não ter competência para se vincular a funções convencionais do jornalismo, porém esta realidade mudou.

Consoante com a nossa proposta, o jornalista assessor tem como boa parte de sua referência para atuação profissional a técnica jornalística que aprendeu em sua formação acadêmica. Para Silveira (2010), como o mercado de assessoria é ocupado por jornalistas, em sua maioria, “inevitavelmente isso fortalece uma convicção, mesmo que inconsciente, de que muito da qualidade dos produtos e serviços se deve às habilidades técnicas oriundas da formação em Jornalismo” (SILVEIRA, 2010, p. 90).

Entretanto, a técnica jornalística não esgota o conhecimento necessário para o desempenho como assessor de imprensa, o que o faz buscar ensinamentos nas relações públicas, no marketing, na publicidade e até prática no mercado. Isso se deve ao fato dos cursos de Jornalismo serem compostos por poucas disciplinas direcionadas à comunicação organizacional.

Devido a este movimento, os assessores de imprensa não possuem uma identidade definida e reconhecida no meio jornalístico. Pensa-se ser uma questão resolvida, porém no mercado potiguar ainda é possível identificar problemas de legitimação com relação à função de assessor de imprensa, frente aos jornalistas de redação. Silveira (2010) acredita que os assessores buscam se validar enquanto jornalistas, incluindo a nomenclatura “jornalismo” em suas práticas, como apresentado anteriormente.

Ainda com relação às nomenclaturas, Silveira (2010) utiliza “redação convencional” e “redação de assessoria” para referir-se ao ambiente do trabalho dos jornalistas que atuam nas redações jornalísticas (primeiro território) e nas assessorias de imprensa (segundo território), respectivamente. Essa visão do autor de considerar os dois espaços como

redações mostra-nos uma alternativa em termos conceituais. Ele aponta uma evolução nos serviços da assessoria de imprensa no Brasil, o que estaria ligado ao interesse da própria sociedade, não somente das fontes; bem como ligado à atração dos jornalistas do primeiro território para o segundo, em um movimento relacionado à crise financeira das redações.

Para ele, os jornalistas-assessores estão bem mais aceitos na atualidade, porém é necessário “organizar-se em entidades e acontecimentos midiáticos converte-se numa forma de tornar o seu próprio trabalho como aceitável socialmente e respeitável, do ponto de vista profissional” (SILVEIRA, 2010, p. 91).

Diante do exposto, enfatizamos que o objetivo do artigo é investigar acerca da visão dos jornalistas que atuam concomitantemente em redações jornalísticas e assessorias de imprensa em Natal-RN sobre suas práticas profissionais.

1 A precarização da profissão de jornalista

Sustentamos a premissa de que a profissão de jornalista está passando por um processo de precarização. Assim sendo, buscamos formas de validar esta perspectiva nos limites do estado do Rio Grande do Norte, onde nossa experiência mercadológica torna-se aliada junto à pesquisa empírica.

Entendemos por precarização um conjunto de fatores relativos a condições de trabalho que faz com que a prática profissional apresente dificuldades no seu pleno exercício. Druck (2011) mapeou seis tipos de precarização do trabalho oriundos do contexto brasileiro: vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais; intensificação do trabalho e terceirização; insegurança e saúde no trabalho; perda das identidades individual e coletiva; fragilização da organização dos trabalhadores; a condenação e o descarte do Direito do Trabalho.

Desses, acreditamos que prevalece na profissão de jornalista o segundo tipo, que segundo a autora “é encontrado nos padrões de gestão e organização do trabalho – o que tem levado a condições extremamente precárias, através da intensificação do trabalho (imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho, polivalência, etc.)” (DRUCK, 2011, p. 48). Apresentamos, a seguir, fatores determinantes para a atual precarização da profissão de jornalista. Os principais são: as longas e intensas jornadas de trabalho, o acúmulo de funções e os baixos salários.

Um traço comum do jornalista brasileiro é a múltipla jornada de trabalho, que pode ser a causa ou consequência da precarização da profissão no país. A consequência desta

múltipla jornada é uma carga horária excessiva de trabalho, ou seja, longas e intensas jornadas de trabalho, que podem resultar na precarização da saúde dos jornalistas.

Marcondes Filho (2009) reforça essa ideia quando diz que, na atualidade, o jornalista teve seu trabalho aumentado com as tecnologias, passou a ter mais atribuições, o contingente nas redações foi reduzido, o prestígio diminuiu, a responsabilidade aumentou e, hoje, qualquer um pode exercer a profissão. Segundo o autor, este conjunto colabora com a precarização profissional.

Outro ponto que deve ser considerado com relação à precarização da profissão diz respeito aos baixos salários, que consequente podem ser o motivo para a migração ou simultaneidade de trabalho junto às assessorias de imprensa. No Rio Grande do Norte, o piso salarial do bacharel em Jornalismo – ou jornalista profissional, como é chamado pelas organizações trabalhistas – é R\$1.225,80 (2013/2014), valor inferior a dois salários mínimos, considerado o mais baixo do país.

De acordo com dados repassador pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte (Sindjorn) em abril de 2013, há cerca de 900 jornalistas sindicalizados em Natal e aproximadamente dois mil no Rio Grande do Norte. Esse número engloba jornalistas diplomados e não diplomados (repórter fotográfico e cinematográfico, diagramador e ilustrador). Não sabemos ao certo quantos jornalistas diplomados atuam no estado, visto que nem todos são sindicalizados, nem é feito esse controle.

Segundo Maia e Femina (2012), no mês de junho de 2012 o Ministério do Trabalho e Emprego contabilizou no Rio Grande do Norte um total de 1.734 jornalistas com registro profissional. Entre os anos de 2005 e 2012, foram realizados 543 registros de jornalistas - 492 com diploma universitário e 51 sem diploma.

Para os autores, no contexto do mercado jornalístico potiguar, “o jornalista tem na assessoria de imprensa melhores perspectivas de salário” (MAIA; FEMINA, 2012, p. 92). Eles reforçam o fato do piso salarial ser o menor do país como um dos fatores determinantes.

De acordo com Duarte (2011), a migração de jornalistas para áreas fora do mercado tradicional das redações se deu na década de 1980, quando se consolidavam as assessorias de imprensa no país. O autor relata que em 1993 o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal calculou em 50% os profissionais que atuavam em comunicação institucional.

Além da questão salarial, outro motivo para a concentração de jornalistas em redações e em assessorias de imprensa, ao mesmo tempo, é a predileção por parte do

assessorado com relação ao assessor de imprensa que trabalha em redações, visto que esse fato supostamente pode trazer benefícios no momento de publicar o material do cliente.

2 A visão do jornalista assessor acerca de suas práticas

Com vistas à captação de dados empíricos concretos sobre a prática profissional do jornalista potiguar que atua na mídia (seja como repórter, apresentador ou editor) e fora da mídia (como assessor de comunicação ou assessor de imprensa), selecionamos atores sociais para caracterizar o mercado potiguar, falar de suas experiências e nos dar pistas para entender a complexa situação de trabalho investigada.

Aplicamos a técnica de entrevista em profundidade, seguindo os preceitos da etnometodologia. Optamos por fazer apenas uma entrevista com cada ator social, a fim de facilitar a reflexividade de que trata a etnometodologia.

Consoante com Duarte (2008), a entrevista em profundidade serve para que se recolham respostas a partir da experiência de uma fonte. Ela permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Para o autor, representa uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 62).

Desta forma, o jornalista, ao falar da sua dupla atuação profissional rotineira - em assessoria de imprensa e redação -, poderia revelar melhor a realidade social na qual está inserido. “A importância teórica e epistemológica da etnometodologia se deve ao fato de efetuar uma ruptura radical com modos de pensamento da sociologia tradicional. Mais que teoria constituída, ela é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual” (COULON, 1995, p. 07).

Heritage (1999) aponta que a atividade organizacional – entendida de forma mais ampla - é, por vezes, foco dos trabalhos etnometodológicos. Consideramos, neste ponto, tanto o jornalismo praticado em redações, quanto o jornalismo de assessoria de imprensa como práticas organizacionais já reconhecidas. Suas distintas rotinas e práticas são estabelecidas e as diferenciações são identificáveis de uma cultura organizacional distinta.

Quatro fontes foram selecionadas para essa etapa. Para preservar seus nomes escolhemos, com auxílio delas, pseudônimos em homenagem a jornalistas brasileiros já falecidos. São eles: Joelmir Beting, Margarida Izar, Nísia Floresta e Rogério Cadengue.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi atrelada à atuação como jornalista em emissoras de TV de Natal-RN, por ter sido observado em pesquisa exploratória que é a mídia tradicional na qual estão mais concentrados os jornalistas assessores de imprensa, diferente do que se imaginava a princípio.

Joelmir Beting, 38 anos, tem experiência em várias emissoras de TV de Natal como repórter e apresentador. Também atuou em jornais impressos e em um portal como repórter, além de ter sido assessor de comunicação e assessor de imprensa em várias instituições públicas e privadas. “Eu nunca passei pelo rádio, é a única experiência que nunca tive”. Também já foi professor do ensino médio.

Vale ressaltar que ele atualmente exerce a concomitância de funções, pois é apresentador de um telejornal e assessor de comunicação e imprensa de um órgão público. Ele vê claramente uma distinção entre ser assessor de comunicação e assessor de imprensa.

A entrevista com Margarida Izar, 42 anos, também diplomada jornalista pela UFRN, aconteceu em abril de 2013. O local escolhido por ela foi um salão de beleza, e as perguntas foram lançadas e respondidas enquanto ela fazia as unhas. Durante o ritual de beleza, ela demonstrou estar confortável ao fato de ter pessoas ouvindo nossa conversa. O prazer em falar sobre sua carreira como jornalista estava evidente. Tive a impressão que durante a entrevista Margarida utilizou um pouco da hipérbole para descrever sua atuação jornalística, provavelmente devido à presença de pessoas ouvindo a conversa.

Margarida trabalhou em duas emissoras de TV como pauteira, repórter e apresentadora; “rádio, eu nunca fiz não”. Atualmente, trabalha em jornal impresso, como colunista, e é assessora de comunicação em um órgão público. Também é proprietária de uma empresa de assessoria de comunicação. Um foco de atenção é que ela não apontou a assessoria de imprensa como uma das funções jornalísticas que já exerceu.

Os últimos 10 dos 29 anos de Nísia Floresta têm sido dedicados ao Jornalismo. Descobriu ainda criança sua afinidade pela área, chegando a participar do jornalzinho da escola. Na adolescência, pensou em cursar Direito “pelo fato da argumentação, de achar que tudo na vida da gente deve ser defendido, e acreditar que a argumentação e o poder das palavras podem mudar a realidade de alguns fatos”.

Já foi apresentadora, repórter, produtora e pauteira em duas emissoras de TV do estado. Sempre teve no mínimo dois empregos. Atuou na concomitância durante cinco anos ininterruptos, como repórter televisiva e assessora de imprensa de um órgão público estadual. Já chegou a ter quatro empregos fixos simultâneos: três assessorias distintas e uma

redação. Hoje, é assessora de imprensa também de um órgão público e repórter em um portal de notícias. Também já esteve em duas redações ao mesmo tempo, em TV e em portal de notícias.

Aos 15 anos, Rogério começou a trabalhar sem se ater à sua vontade oculta de ser jornalista, desejo que foi revelado por influência de uma prima. Desde o início da carreira quis trabalhar em televisão, mas seu chefe no jornal impresso não aprovava. “Aí eu queria ir pra TV, só que meu chefe me disse uma coisa: ‘um bom jornalista de televisão é aquele que passa pelo jornal’. E não me ajudava a ir”. Ele reforça: “não era questão de aparecer, queria os bastidores da TV”.

Secretário gráfico, editor de jornal impresso, editor de portal de notícias, repórter, pauteiro, produtor e editor de TV, repórter de revista, assessor de comunicação e assessor de imprensa de políticos, empresas e governo, gerente de campanha na web: essas foram as funções jornalísticas desempenhadas nos seus 21 anos de experiência como jornalista.

Já esteve em duas redações simultaneamente, em várias assessorias ao mesmo tempo e em redação e assessoria concomitantemente, entre os anos de 2002 e 2011. Hoje, é assessor de comunicação de um político, de um órgão público, de uma autarquia e dono de empresa de assessoria de imprensa, onde tem vários clientes.

Diante da necessidade de fazermos generalizações, o que não era possível apenas com a pesquisa qualitativa desenhada anteriormente, nos foi sugerida a realização de uma pesquisa quantitativa. Devido a debates recentes acerca do jornalismo praticado no país, muitas são as pesquisas que buscam descrever o jornalista na contemporaneidade. Nesse contexto, destacamos o Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2013), que fez avançar o pensamento neste sentido no país.

Fortuitamente, teve início no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN a pesquisa “Radiografia do Jornalismo Potiguar”, coordenada pela Profa. Dra. Kênia Maia (Decom-UFRN), com vistas a descrever de forma mais abrangente as práticas dos jornalistas potiguares. Endossamos na equipe de divulgação da pesquisa e tivemos acessos aos resultados brutos.

Foi utilizado como ferramenta de captação de dados um questionário online desenvolvido na plataforma Google Docs, divulgado via email, em forma de releases e pelas mídias sociais, contendo 38 questões abertas e fechadas, com respostas obrigatórias e não obrigatórias, voltadas a jornalistas atuantes na mídia, fora da mídia e especificamente em docência .

O questionário esteve aberto a respostas entre 26 de setembro e 10 de outubro de 2013, tendo captado 159 respostas, todas consideradas válidas, a princípio. Acredita-se que a amostra teve um percentual considerável de abrangência no RN, tendo em vista que se estima que haja aproximadamente 1.700 jornalistas registrados no estado (MAIA; FEMINA, 2012). Sendo assim, o questionário foi respondido por mais de 9% dos jornalistas registrados nesse território.

3 Reflexões sobre o jornalista assessor de imprensa potiguar

O típico jornalista potiguar é homem e jovem, conseqüentemente trabalhando há pouco tempo no jornalismo, com formação superior específica em jornalismo, com registro profissional de jornalista, não sindicalizado, com principal emprego na mídia televisiva, provavelmente com outro emprego e com renda total de até cinco salários mínimos. A maioria está satisfeita com sua vida profissional.

A pesquisa quantitativa nos mostrou que os índices do Rio Grande do Norte estão equiparados aos do Brasil em muitos pontos. São eles: faixa etária, escolaridade, filiação a sindicatos, áreas principais de atuação, carga horária diária de trabalho e funções mais comuns desempenhadas na mídia e fora da mídia.

Entretanto, há pontos destoantes. No Brasil, a maioria dos profissionais do jornalismo é mulher, enquanto que no RN os homens possuem uma porcentagem ligeiramente maior. No RN, o percentual de registros profissionais dos jornalistas atuantes é menor que o nacional, assim como os índices potiguares de sindicalização específica no jornalismo.

No RN é mais comum se ter mais de um emprego, quando comparado à média do Brasil. Bem como no RN a porcentagem de jornalistas ganhando até cinco salários mínimos é maior que no Brasil. Além disso, no Brasil a porcentagem de profissionais ganhando mais de dez salários mínimos é quase o triplo.

Também há uma diferença quanto aos principais veículos nos quais atuam os jornalistas predominantemente de mídia. No RN, os principais são, por ordem: TV, internet, jornal e rádio; no Brasil, são internet, jornal, revista e TV. Esse fato incide diretamente ao fato de que no estado os profissionais com duplo emprego estão concentrados na mídia televisiva, como aferimos por meio da pesquisa exploratória.

A principal diferença encontrada foi no que diz respeito ao duplo emprego. Enquanto no Brasil cerca de um terço dos profissionais da mídia ou fora da mídia possuem mais de um emprego, no RN esse número mais que duplica.

Foi justamente a essa parcela de jornalistas com mais de um emprego que se deteve nossa a pesquisa qualitativa. Por meio das entrevistas em profundidade com Joelmir, Margarida, Nísia e Rogério, buscamos investigar a prática profissional dos sujeitos que atuam ou já atuam ao mesmo tempo em redações jornalísticas tradicionais e assessoria de imprensa no contexto potiguar. Buscamos entender os motivos para essa prática, que por meio dos dados quantitativos constatamos ser tão comum no RN. Além disso, tentamos entender o *ethos* profissional e a identidade destes jornalistas.

Nossa premissa de precarização (DRUCK, 2011; MARCONDES FILHO, 2009) veio sendo validada durante todo o contato com os jornalistas potiguares. Os pontos elencados por eles que nos levam a essa crença foram: baixos salários, necessidade de ter mais de um emprego, jornadas intensas de trabalho, “queda” do diploma, falta de qualidade e profissionalismo no mercado, falta de reconhecimento profissional, exercício do jornalismo por profissionais não graduados e acúmulo de funções devido ao avanço da tecnologia.

Por meio de seus discursos, Joelmir, Margarida e Rogério mostram que acreditam que o jornalismo vem piorando. Apenas Nísia acha que a profissão está melhorando e remete isso justamente à tecnologia. Entretanto, em vários momentos ela deixa claro não estar satisfeita com os baixos salários e com a necessidade de ter mais de um emprego para poder se manter.

Ao mesmo tempo em que reclamam, os sujeitos da pesquisa não pensam em migrar para outra profissão. “Dá muita dor de cabeça correr atrás de fonte, de informação, mas é muito gostoso, é muito prazeroso. Eu não me vejo em outra profissão, de jeito nenhum” (Margarida). “Olha, o salário é baixo, mas nenhum jornalista aqui trabalha menos ou procura fazer menos porque o salário é baixo, e é nisso que as empresas ganham” (Rogério).

Diante dessas falas e do resultado da pesquisa quantitativa no que se refere à satisfação profissional dos jornalistas potiguares, acreditamos que eles coloquem o glamour da profissão e a paixão pelo jornalismo acima da precarização. No entanto, reforçam para a sociedade a imagem romântica mitológica desenvolvida sobre o jornalista, tal qual apontam Silveira (2010), Oliveira (2005) e Traquina (2004). O que essa questão nos leva a crer é que o *ethos* discursivo jornalístico é diferente de seu *ethos* institucional.

Joelmir foi extremo ao apontar que quase todos os colegas de profissão que atuam em veículos também atuam em assessorias de imprensa. A princípio, consideramos a declaração exagerada, entretanto a pesquisa quantitativa apontou que esta afirmação não está muito distante da realidade. Retomamos a ideia de Nísia sobre a qualidade do trabalho oriundo destes profissionais; para ela, há muito mais qualidade jornalística quando se tem apenas um emprego.

Nesse contexto, nos perguntamos sobre o porquê dessa dupla atuação. Os entrevistados elencaram como motivo para atuarem nessas duas frentes de trabalho simultaneamente a necessidade de complementar a renda, o que é uma consequência dos baixos salários. Especificamente sobre a atuação na área de assessoria de imprensa, foram apontados como atrativos: melhores salários, qualidade de vida e melhores oportunidades. Apontamos como outra provável razão a possível diminuição dos postos de trabalho em redações no estado, tendo em vista o fechamento de veículos, como foi o caso do jornal Diário de Natal, em outubro de 2012.

Sendo assim, o campo da assessoria de imprensa viria a se constituir em um território em que muitos jornalistas migrariam em busca de maior qualidade de vida, fugindo das redações, como pensa Nísia: "acho que todo jornalista, o que gosta realmente de redação, o jornalista de redação, procura a assessoria por uma questão financeira. Até pra ter mais tempo, mais paz, digamos assim, que eu acho que a redação em si não oferece".

Joelmir viu sua entrada na área de assessoria de imprensa como uma oportunidade de carreira, porém ele remete o fato de precisar estar em dois empregos às necessidades financeiras: "A nossa remuneração não é suficiente, então você termina sendo obrigado a estar em dois expedientes, em dois veículos, em dois empregos".

No entanto, muitas vezes as assessorias se constituem em um espaço de intensificação do trabalho, tal qual acontece nas redações. O desgaste pode ser até maior do que aquele resultado da pressão das redações, como exemplifica Margarida: "Como assessora de imprensa eu não durmo. Eu tenho que estar ligada 24 horas, e se não sair a matéria do jeito que ele [o assessorado] quer, é um Deus nos acuda. É desgastante, mas é onde a gente consegue uma boa remuneração".

Dessa forma, quem atua simultaneamente nos dois territórios teria uma dupla precarização em termos de qualidade de vida e consequentes desgastes físicos e mentais. Portanto, a tentativa de chegar a um patamar de renda para garantir sobrevivência impõe

uma carga horária diária superior ao que se espera para um jornalista, como vimos na pesquisa quantitativa, o que reforça ainda mais a precarização da profissão.

Um dos pontos mais comentados no senso comum com relação à atuação simultânea em redações e assessorias diz respeito aos limites éticos. No momento em que falavam sobre práticas concomitantes, Rogério, Margarida e Joelmir a todo tempo tentavam justificar-se eticamente, sempre apontando exemplos de falta de ética de colegas. “Eu tinha que ter ética ou então não ficava no mercado, porque eu não ia ser bem vista dentro da minha empresa, e onde meu assessorado não ia alcançar o objetivo dele” (Margarida).

Os entrevistados citaram estratégias para lidar com as questões éticas que possivelmente poderiam resultar dessa dupla atuação: avisar nas redações quem são os assessorados, não atuar em editoriais que coincidam com os assessorados, não entrevistar os assessorados, evitar fazer matérias sobre os assessorados e deixar claro aos assessorados que o emprego na redação não garante a veiculação de conteúdo da assessoria.

Nísia deixa implícito em sua fala que ela não acredita que sua dupla atuação tenha consequências éticas no seu trabalho: “a própria linha editorial de todos os lugares em que eu trabalhei, elas já direcionam você para não fazer aquilo ou fazer aquilo, e acho que você também tem que ter *um pouco de ética* nesse sentido”.

Nesse ponto, questionamo-nos se as estratégias apontadas são o bastante para evitar os conflitos éticos. Acreditamos que, a depender do tipo de assessoria praticado, muitas vezes a atuação simultânea seja conflituosa. No caso de Nísia, observamos que não é raro ela fazer reportagens sobre seus assessorados. Até por questões resultantes de equipes reduzidas, ficaria inviável não poder cobri-los, sendo assim, as estratégias elencadas além de tudo são frágeis.

As discussões éticas por vezes são tensionadas em direção aos profissionais que atuam no jornalismo sem diploma específico. Nísia, por exemplo, imputou aos blogueiros sem diploma a necessidade de se pensar sobre a ética: “esta parte ética não é uma justificativa plausível [para a não atuação simultânea em assessoria e redação]. Acho que esta justificativa ética seria apenas para um blog, por exemplo”.

A não aceitação desses profissionais foi unanimidade entre os quatro entrevistados. Acreditamos que o diploma de jornalista corresponde a uma representação do *ethos* jornalístico em sua plenitude - que figura no imaginário dos entrevistados. Margarida acredita que a falta de qualidade e profissionalismo existentes no mercado deve-se à não obrigatoriedade do diploma de jornalista. Rogério compara o jornalismo a outras profissões:

“O médico tem que passar pela faculdade, o advogado tem que passar, né? Então com o jornalista, por que esse negócio?”.

Com relação aos *ethos* e às identidades dos entrevistados, há uma variedade e complexidade percebidas por meio de seus discursos. Acreditamos que a existência de *ethos* distintos para um mesmo jornalista que atua simultaneamente como assessor e em redações é possível, mas nem sempre é regra.

Acreditamos que Margarida faça a total distinção entre os dois mundos (CALDAS, 2011), possuindo claramente duas identidades, uma enquanto assessora e outra enquanto repórter. Conseqüentemente, podemos indicar que ela possui *ethos* diferentes e bem delimitados.

No caso de Rogério, ele transita nos dois mundos e demonstra ter dois *ethos* e duas identidades, no entanto estes mundos estão mais próximos, por vezes fundindo-se, como ele demonstra ao falar que precisa dos conhecimentos das redações para atuar como assessor.

Nísia faz muita distinção entre os dois mundos, muitas vezes aproximando-os e outras vezes demonstrando que são opostos. Com relação à sua identidade, ela representa bem a ideia de múltiplas identidades apontada por Hall (2004). Sua identidade está em crise, não fechada e não definida; é um híbrido entre jornalista de redação e assessora.

Joelmir fala: “eu *sou jornalista*. E jornalista gosta de tudo que é comunicação”. Vemos em sua declaração uma síntese de seu *ethos*, que pode ser visto como um *ethos* de jornalista totalmente sobreposto ao *ethos* de assessor, ou simplesmente um novo *ethos*, o de comunicador.

O último ponto da pesquisa que destacamos versa sobre a distinção que é feita acerca do assessor de imprensa, por parte dos jornalistas como um todo, prática que identificamos nos discursos dos entrevistados. Segundo Rogério, os jornalistas de redação não tratam os assessores como iguais e isso muito o entristece. “O jornalista da redação, ele se acha “o” jornalista. O assessor é aquele que está fazendo o favor de passar pra ele [alguma informação]” (Rogério).

Nísia e Margarida demonstram incômodo com a denominação “assessora”, aparentemente porque tem um status diferente da alcunha “repórter”. Enquanto estão exercendo a atividade de repórter, preferem ser chamadas de repórteres, e enquanto estão como assessoras, preferem ser chamadas de jornalistas. Nísia repete em seu discurso que considera a função de assessora de imprensa como digna. Acreditamos que essa explicação

não seria necessária se não houvesse uma distinção de status, no meio jornalístico, entre quem está na redação e fora dela.

Considerações finais

Consoante com Braga (2005), em se tratando de questões complexas acerca da realidade, é possível que o trabalho de pesquisa resulte em hipóteses. Assim sendo, destacamos em meio às conclusões do trabalho as seguintes provocações resultantes da pesquisa: Os baixos salários levam os jornalistas potiguares a terem mais de um emprego, o que faz com que o estado tenha índices muito maiores que a taxa nacional de acúmulo de empregos; A quantidade de empregos dos jornalistas potiguares reflete em intensas e longas jornadas de trabalho, o que certamente afeta a saúde destes profissionais; Mesmo em meio à precarização da profissão, a maioria dos jornalistas não pensa em deixar a profissão, devido à paixão pelo jornalismo e ao glamour associado a esse profissional, fatos que os levam a sustentar a imagem romântica e mitológica da profissão; e há a possibilidade do jornalista que trabalha ao mesmo tempo em redações tradicionais e assessorias de imprensa possuir *ethos* distintos para o desempenho de cada função, mas também podem ter *ethos* sobrepostos ou mesmo um *ethos* de comunicador.

A partir das entrevistas em profundidade realizadas com jornalistas assessores de imprensa, podemos inferir que estes exercem funções no limiar entre o Jornalismo e a Comunicação Organizacional sem muitas vezes refletirem sobre isso, de certo modo sobrepondo a formação como jornalista.

Os depoimentos nos levam a crer que a dupla atuação nesses dois campos não é feita de forma planejada, é oriunda de uma necessidade financeira, onde recai justamente a problemática da precarização da profissão.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, ano X, n. 3, pp. 288-296, set/dez 2005.

CALDAS, Graça. Relacionamento Assessor de Imprensa/Jornalista: Somos todos Jornalistas! In: DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2011, pp. 321-328.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CURVELLO, João José Azevedo. Comunicação organizacional. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

DUARTE, Jorge. Assessoria de imprensa no Brasil. In: _____. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2011, pp. 51-75.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 62-83.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 1, p. 37-57, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

MAIA, Kênia; FEMINA, Cleber. Os valores profissionais dos estudantes da UFRN: comunicação corporativa, entretenimento e jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 2, n. 11, p. 82-94, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **Profissão jornalista: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp. Bauru, 2005.

SILVEIRA, José Ricardo da. **O jornalista na comunicação das organizações: cultura profissional e autopercepção**. Tese de doutorado. Faculdade de Comunicação da UnB. Brasília, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume 1: porque as notícias são como são. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2004.